

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 1044

Data: 24.08.74

Pg.: _____

*Funai interdita região dos
atroari e tenta pacificação*

Brasília (Sucursal) — A região onde vivem os índios waimiris e atroaris, na margem direita, do rio Alalau, no Amazonas, foi interdita temporariamente, atendendo a decreto do Presidente Geisel, a fim de que a Funai possa realizar os trabalhos de atração e pacificação dos dois grupos indígenas, responsáveis, em 1968, pelo massacre da expedição Calleri.

O decreto presidencial faculta à Funai o direito de impedir ou restringir o trânsito de pessoas ou grupos na área, situada no município de Airão, podendo até solicitar a colaboração das Forças Armadas para o cumprimento desse direito. As terras onde vivem os waimiris e atroaris são das mais cobiçadas pelos aventureiros da Amazônia, devido às suas riquezas naturais; e ali está sendo construída a BR-174, rodovia que liga Manaus à Caracará.

MASSACRES

Os índios waimiris-atroaris são, provavelmente, os mais aguerridos do Brasil, e um caso raro de tribos confederadas. O decreto de interdição da área é apenas uma tentativa de paz, mas ainda está longe de significar o convívio pacífico e definitivo destes índios com a civilização envolvente.

A afirmação é do antropólogo Hélio Rocha, Coordenador de Assuntos Amazônicos da Funai e um grande estudioso da cultura e dos costumes dos waimiri-atroaris.

— Os conflitos com estes índios — ele prossegue — vêm desde o século XVII, quando o desbravador Pedro Favela organizou uma bandeira para apressamento dos waimiris-atroaris e foi batido na selva. Em épocas mais recentes, os contatos com essas tribos resumem-se a uma série infindável de choques e trucidamentos. Em 1968, a expedição do padre Calleri foi praticamente exterminada por eles (de um grupo de 12, só um escapou para contar a história). No início do ano passado, eles invadiram o posto de atração do rio Alalau e mataram três funcionários da Funai.

APROXIMAÇÃO

A barreira que os waimiri-atroari opõem ao avanço da civilização só foi transposta até hoje por uma pessoa: o sertanista Gilberto Pinto, figura quase lendária na região, que está em contato permanente com os índios. Gilberto começou a tentar o contato com essas tribos em 1968, pouco depois do massacre da expedição Calleri; mas só há um ano e meio seus esforços começaram a dar frutos. Ele afirma que os índios não admitem a tentativa de tutela da Funai, nem a vinda de outros sertanistas.

Os problemas da Funai se complicam porque o sertanista, bastante idoso, deverá aposentar-se no ano que vem. A Funai tem procurado convencê-lo a não se retirar tão cedo, dada a delicadeza da situação.